

A redefinição do transcendental em Merleau-Ponty

Vitor Vasconcelos de Araújo

Universidade Federal do Ceará

Este trabalho tem como objetivo articular a noção do transcendental pensada por Kant, em sua fase crítica, ao esforço de redefinição do termo por Merleau-Ponty¹, em seu primeiro trabalho, *A estrutura do comportamento*. Nesta obra, o filósofo francês demonstrou um claro interesse, tal como Husserl², em redefinir as bases onde se assentam as condições nas quais conhecemos o mundo em princípios que antecedem a lógica. Para tanto, Merleau-Ponty encontra na ideia de significação a solução para a antinomia entre pensamento e experiência. Para o fenomenólogo francês, a representação da coisa e a própria coisa são fenômenos concordantes, fazendo frente ao dualismo transcendental da tradição crítica. O estatuto do transcendental em Merleau-Ponty, portanto, neste primeiro momento, ganha força a partir da noção de significação do organismo frente ao seu meio. Ela seria um processo anteposto à própria análise intelectual, ou ainda, ofereceria a esta um ponto de apoio.

Partindo da passagem dos níveis de organização do vivido, Merleau-Ponty, descreve ao longo de seu texto os níveis de integração da forma, da menos a mais organizada, da seguinte maneira: a realidade física, que a despeito de sua organização enquanto estrutura, em seu

¹ Merleau-Ponty, M. **A estrutura do comportamento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

² Husserl, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**: uma introdução à filosofia fenomenológica. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2012.

sentido gestáltico, é incapaz de auto regular-se; a forma vital, capaz de auto regulação, porém, não apta a romper com as suas estruturas de funcionamento e para as quais o instinto prescreveria seu campo de significação e finalmente, a forma simbólica, como a possibilidade de expansão do campo de ação do organismo e específico da experiência humana. Esta que apresenta uma potência para a objetivação de seu entorno. Neste processo, os níveis da forma subsumem sua estrutura antecedente, de tal maneira a realizar um modo de integração distinto, impossível a sua organização anterior. No caso da experiência simbólica, a integração é total, entendida como o ponto máximo das organizações do vivido. Não só a forma simbólica integra-se a partir dos vetores em que ela é instituída, no diálogo do corpo com o *umwelt* do organismo, mas é capaz de fundar novos significados, inéditos em relação à natureza física e vital³.

É bastante claro, portanto, que a atividade intelectual só pode manifestar-se como um processo tardio. Isto porque ela pressupõe um nível de organização perceptiva que advém da natureza física, atravessa as formas vitais de significação, para depois fundar os significados simbólicos. Como conclusão, podemos sugerir não só a definição do transcendental a partir da ideia de significação, como o afastamento de Merleau-Ponty de uma epistemologia antropocêntrica, embora o filósofo atribua às estruturas perceptivas humanas uma forma mais integrada de significação do que a da normatividade vital dos animais não-humanos. A ideia de significação, portanto, já apontaria para uma epistemologia dos organismos, de tal modo que, a despeito de suas específicas delimitações fenomênicas, a partir de sua silhueta corporal, o significado habita os modos de doação de sentido tanto do animal humano como do animal não-humano. O que, por outro lado, não significa, por exemplo, uma coincidência entre os modos de conhecimento entre espécies que apresentam um cérebro com córtex bem desenvolvido e espécies que significam seu entorno a partir de um funcionamento ganglionar. Exatamente por isto, Merleau-Ponty recorre à psicologia da *Gestalt* encontrando na ideia de atitude categorial, em contraponto

³ Ramos, S. S. **A prosa de Dora**: uma leitura da articulação entre natureza e cultura na filosofia de Merleau-Ponty. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

à atitude concreta, a distância entre o comportamento humano e animal. O primeiro esforço, portanto, para demonstrar a tese de Merleau-Ponty é tentar definir o que seria o transcendental de acordo com a tradição crítica.

A filosofia de Kant procurou refundar, a partir de uma crítica à metafísica clássica, os princípios mediante os quais o conhecimento é produzido. Recusando o idealismo ontológico e o realismo empírico, Kant procurou conciliar a experiência, como dado sensível, aos princípios de inteligibilidade em que a experiência é conhecida. Não por acaso, para Kant, um juízo determinante, ou seja, universal e necessário, somente é possível se se relaciona a um campo possível de experiências. Para os juízos reflexivos, ou seja, não-determinantes, o que resta à análise intelectual é organizar os fenômenos por analogias, como é o caso do estudo dos organismos, descritos na terceira crítica, afirmando a indissolúvel contradição entre os juízos teleológicos e juízos mecânicos.

Para Kant, era bastante claro, que antes de descrever as características do ser, era necessário saber como ele se torna cognoscível a nós, partindo de uma redefinição do transcendental tal como os clássicos o entenderam. Desta forma, o transcendental, para Kant, deve, mediante condições imanentes do conhecer, ser concebido a partir da dedução das categorias contidas na analítica transcendental. Entretanto, não como um princípio regulativo do pensamento, papel da lógica formal, mas como condições gerais e universais a partir das quais um conteúdo da sensibilidade é formado ao ser organizado a partir do múltiplo da intuição⁴. A partir de tal exame é possível afirmar que o que se apresenta diante de nós tem uma validade objetiva, radicada na experiência, entretanto, limitada a uma experiência possível. Isto quer dizer que os juízos determinantes somente podem conceber validade epistemológica aos fenômenos se e somente se o eu penso implicado nestes juízos puderem acompanhar minhas representações. O transcendental, definido por Kant, seria então menos a preocupação com os objetos em sua realidade mesma do que a possibilidade de concebê-los enquanto tais, ou seja, é a adequação de uma intuição sensível a uma lógica *a priori*.

⁴ Longuenesse, B. Kant on *a priori* concepts: The metaphysical deduction of the categories. In: Guyer, P. **The Cambridge Companion to Kant and modern philosophy**. Cambridge Press: London, 2007.

A finalidade de uma redefinição do transcendental é fundamentar o conhecimento da natureza, alicerçando toda a ciência formal, que para Kant, tal como descrita nos Prolegômenos⁵, é a existência de objetos determinados por leis universais. Ou seja, o horizonte lógico de sua determinação não é imante à própria natureza, mas está subordinado às exigências do entendimento. Tais exigências definem uma estrutura transcendental do conhecimento, menos como correspondente à natureza em sua uma realidade mesma do que um conjunto de representações (intuições e conceitos) que possibilitam o conhecimento do ser natural.

A antinomia entre juízos determinantes e juízos não-determinantes, deveria, portanto, fundamentar, de um lado, o conhecimento formal (um saber com validade objetiva) e um saber que possui um *a priori* fundado inteiramente no sujeito, a partir de princípios reflexionantes, ou ainda, regulativos, respectivamente.

Tomando como exemplo o problema da vida, o ser vivo e a natureza não são temas que se sobrepõem, pois o conhecimento da vida é somente possível a partir de um juízo regulativo, pois o tipo de causalidade dada na intuição acerca do modo de funcionamento do vivente não se encontra como *a priori* nas categorias puras do conhecer⁶. A qualificação do vivente tem valor heurístico, razão pela qual o estudo do ser vivo não poderia ser, assim como a física, uma ciência. Kant, desta forma, não admitiria uma identificação entre o horizonte lógico dos cientistas naturais e a possibilidade da vida como um processo autorregulatório, que se comporta por finalidades criadas por sua própria condição orgânica⁷.

O vivente não poderia ser um centro de referência para seu conhecer; conheço a vida não porque sou um vivente, mas porque posuo juízos para conhecê-la a partir de limitações intrínsecas e aparentemente intransponíveis do entendimento⁸. Ou seja, só posso dizer o que é a vida a partir de analogias. Portanto, a conciliação do mecanismo (objetos naturais passíveis de determinação) e da teleologia (formas de

⁵ Kant, I. Prolegômenos a toda Metafísica futura que se queira apresentar como ciência. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

⁶ Kant, I. **Crítica da Faculdade do Juízo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

⁷ idem

⁸ Canguilhem, G. O conceito de vida. In: _____. **Estudos de história e de filosofia das ciências**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

vida descritas a partir do “como se”) é impossível. Desta forma, Kant parece resguardar a dimensão do vivente com relação à possibilidade mesma de sua determinação; eles seriam demasiados complexos e ultrapassariam nossas capacidades explicativas, pois a causalidade teleológica pressupõe um tratamento distinto do modelo linear de causa e efeito. Enquanto esta é possível de ser conhecida a partir da subsunção do conteúdo sensível às categorias analíticas de causalidade, aquela não encontra nos nossos poderes cognitivos uma esfera de determinação.

Um organismo seria, portanto, uma estrutura que age de acordo com propósitos em que as partes e o todo estão relacionados uns com os outros na manutenção, na reparação e no direcionamento de sua função vital.

Embora as intuições de Kant tenham uma semelhança bastante próxima com as formas contemporâneas de compreensão do vivente⁹, para fins de um conhecimento propriamente científico, a demarcação do conceito da vida é definida a partir dos limites do nosso entendimento sobre a realidade dos organismos. A vida não é um conhecimento, mas apenas uma representação deflacionada a partir de uma ideia reguladora, logo, não constitutiva.

Em seguida, seguindo as coordenadas deixadas por Merleau-Ponty, em seu primeiro trabalho, *A estrutura do comportamento*, iremos apresentar como é operada a redefinição do termo transcendental em favor da ideia de significação. Nesta obra, Merleau-Ponty procurou, para além da refutação dos pressupostos realistas e vitalistas acerca da análise da conduta dos organismos, redefinir o transcendental, tal como a filosofia crítica o concebeu. Seu esforço é similar ao desejo de Husserl em repensar a reflexão transcendental, atravessando o campo de sentido da atitude natural rumo ao sentido propriamente fenomenológico, ou ainda, antepredicativo a uma lógica *a priori*.

Entretanto, alguns autores, como, por exemplo, Barbaras¹⁰ em seu artigo *Phenomenology of life*, dirão que a ideia de fenômeno que orienta o primeiro trabalho de Merleau-Ponty está mais intimamente atrelada a Kant do que propriamente a de Husserl. É necessário, no

⁹ Thompson, E. *Mind in Life: Biology, phenomenology and the sciences of mind*. London: Harvard University Press, 2007.

¹⁰ Barbaras, R. Phenomenology of life. In: Carman, T & Hansen, M. *The Cambridge companion to Merleau-Ponty*. Cambridge University Press, 2005.

entanto, reconhecer que Merleau-Ponty não poderia ter questionado o eu penso como uma realidade inteiramente analítica, tal como Kant o concebeu, sem passar pelas definições husserlianas de redução fenomenológica, em que defende uma reflexão transcendental somente na medida em que ela atravessa o mundo da vida (*Lebenswelt*) concebendo o eu como uma intuição, ou uma condição prévia à psicologia pura. Afirmar que para Kant teria apenas uma validade puramente reflexionante, portanto, não intuitiva, já que o incondicionado do fenômeno não poderia ter uma correspondência imediata com os sentidos.

A despeito de tal impasse, Merleau-Ponty procurou, na conclusão de seu trabalho, em grande parte, a partir das evidências da psicologia experimental da Escola de Berlim, redefinir a origem dos processos de conhecimento, ou ainda, defender um fundamento universal dos organismos (humanos e não-humanos) em seus modos de conceber o real.

Seguindo a finalidade de Heidegger sem percorrer os mesmos caminhos, Merleau-Ponty procurou criticar a redução transcendental reconduzindo a reflexão radical para fora do sujeito. É fora dele que encontramos os fundamentos da subjetividade, enquanto condição para o conhecer. Munido da ciência experimental e de um materialismo dialético pouco assumido ao longo do texto, muito embora tomando a interpretação da filosofia de Hegel a partir de Kojève¹¹, Merleau-Ponty procura fundar o transcendental exatamente na ultrapassagem do organismo de sua realidade material quando adere ao real por relações de significado.

A chave para a compreensão desse fundamento comum encontra-se na ideia da percepção como forma. Esta que pode ser entendida a partir da seguinte definição: ela constitui um fenômeno em que nenhum dos vetores implicados em sua constituição pode ser reduzido à particularidade dos elementos que estão envolvidos em seu processo. Portanto, o todo é maior do que a soma das partes. De tal modo que a percepção não poderia ser explicitada a partir de uma apreciação realista, ou seja, como causação físico química, ou ainda, uma relação linear

¹¹ Mendonça, C. D. Marxismo e filosofia: algumas considerações sobre os textos políticos Merleau-Pontyanos do pós-guerra. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 9-10, Jan. 1987 e Ramos, S. S. **A prosa de Dora: uma leitura da articulação entre natureza e cultura na filosofia de Merleau-Ponty.** Op. cit.

entre estímulo e resposta. O organismo não se configura enquanto um receptáculo indiferente a estimulações exteriores, tampouco ele funda em sua interioridade a lei de seu comportamento. É a dialética viva entre o vivente e seu entorno que fundamenta as normas de sua conduta.

Portanto, o comportamento é uma operação transitiva. Ele intenciona algo e é a partir do substrato físico, como meio para realização de suas necessidades vitais, que o organismo torna sua ação possível. Lembremos a dificuldade de distinguir percepção de comportamento, já que a percepção de um objeto estabelece ligação direta com uma finalidade significativa, que por sua vez, implica em uma forma de conduta. Ambas são ações integradas que designam e definem os modos de ação do organismo.

A consequência do que foi exposto acima é de que, para Merleau-Ponty, o sentido antecede ao processo reflexivo, onde o comportamento e a percepção subsistem, como uma unidade a partir de sua realidade significativa.

A redefinição do transcendental em Merleau-Ponty, nos rastros de Husserl, irrompe com a tradição crítica, articulando a condição de possibilidade do conhecimento, atribuída por Kant como a correspondência do conteúdo intuitivo às categorias transcendentais da analítica, ao sentido. A atitude categorial de Goldstein, horizonte teórico no qual Merleau-Ponty se insere para discutir questões sobre a psicopatologia, como a passagem do concreto para o abstrato, ou seja, a capacidade de deduzir universalidades a partir da experiência empírica¹², torna-se possível apenas como um nível tardio de organização do vivido, que antes de poder atribuir propriedades e relações aos objetos, se relacionou com eles a partir de uma disposição fundamental, qual seja, a partir do sentido. Portanto, as questões do transcendental não podem dar-se apenas a partir de uma série de apercepções que fundamentariam a sujeição dos conteúdos da sensibilidade ao eu penso.

Segundo Merleau-Ponty, o sentido, endereçando a ele a própria condição de possibilidade do conhecimento, não é um objeto kantiano, pois a consciência, como realidade intencional, é anteposta à representação e à intelecção. Portanto, as questões do transcendental não podem ser entendidas a partir de dois registros (um intuitivo e um analítico)

¹² Veríssimo, D. *Posição e crítica da função simbólica nos dois primeiros trabalhos de Merleau-Ponty*. Tese de doutorado. Ribeirão Preto, 2010.

que só se encontram pela mediação da imaginação, mas aponta, para a própria relação entre consciência e natureza. Não deixa de ser uma maneira de resolução da antinomia posta por Kant, na terceira crítica, entre os juízos teleológicos e juízos determinantes. Entretanto, Merleau-Ponty não deseja realizar com este esforço um conhecimento a partir da fundação de um materialismo restrito. Razão pela qual, em cada nível subsequente de integração da forma, o sentido deixa de ser a referência imediata a um conteúdo real, onde culmina na forma simbólica de comportamento, capaz de transpor sentidos no espaço e no tempo.

Mesmo reconhecendo semelhanças entre a ideia de vida e organismo, há razões para afirmar que Merleau-Ponty e Kant possuem filosofias concorrentes. A primeira delas é pela utilização de uma lógica dialética, pelo fenomenólogo francês, quando reconhece no humano a dimensão do espírito hegeliano, em que a passagem do físico para o orgânico se dá a partir das contradições internas daquele que, por sua vez, dá a condição de surgimento deste. Para Kant, as categorias do pensamento não constituem um processo de negação até uma ideia absoluta, mas são categorias que operam em paralelo, resguardando sua integridade dentro do quadro de dedução analítica. Tampouco as categorias do entendimento kantiano são compreendidas como relacionadas ao Ser, ou seja, se se fala de uma ontologia em Kant é somente como construção de objetos que se mostram na experiência. A segunda razão é exatamente pelo fato de que Merleau-Ponty põe-se na tradição de crítica da filosofia transcendental, entendendo que o papel da filosofia é maior do que o problema da fundamentação e da justificação do conhecimento. Merleau-Ponty dirá que a tarefa da filosofia deveria ser a de reconhecimento do papel da ciência, de sua legitimação, mas, sobretudo, de pensar que o ente expressado pela ciência não representa a única forma de mostrar-se do Ser. Muito embora isso não signifique dizer que Merleau-Ponty concorde com Heidegger quando este encontra no filósofo o guardião da ontologia. Como um entusiasta da ciência, Merleau-Ponty dava ao método científico um lugar de destaque em sua discussão sobre a percepção e sobre a teoria dos organismos, embora ele defenda que a ciência nem sempre se dá conta dos efeitos daquilo que ela produz, como foi o que quis demonstrar na crítica à

abordagem reducionista da Psicologia da *Gestalt* quando apontou para a identidade entre a realidade física e a realidade simbólica.

Temos, portanto, pontos importantes que evidenciam a redefinição do transcendental em Merleau-Ponty, pois muitas são as discordâncias entre Kant e Merleau-Ponty. A primeira delas é, segundo a tradição que Heidegger inaugura, um descentramento da figura do sujeito, ou seja, a operação de um passo anterior, ou ainda, de uma esfera antepredicativa, em relação à dedução das categorias, isto, é de um processo primário que dá a condição de objetivação da realidade. Em segundo lugar, a desantropologização da epistemologia ao conceber um meta-padrão de conhecimento comum a todos os organismos, com validade objetiva, e finalmente um terceiro e talvez com consequências maiores: o direcionamento do transcendental enquanto preocupação epistemológica, para uma preocupação ontológica, quando Merleau-Ponty resolve a antinomia: teleologia versus mecanismo. De tal modo que falar de conhecimento para Merleau-Ponty seria ao mesmo tempo emitir afirmações sobre o Ser, esforço que irá demonstrar ao longo de seu trabalho tardio quando formula uma ontologia do sensível.